



QUALIDADE DE PROJETO NA ERA DIGITAL INTEGRADA DESIGN QUALITY IN A DIGITAL AND INTEGRATED AGE

III Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído
VI Encontro de Tecnologia de Informação e Comunicação na Construção

Campinas, São Paulo, Brasil, 24 a 26 de julho de 2013

TEORIA ATOR-REDE E ANÁLISE DE CONTROVÉRSIAS NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO

PAPER 122

RESUMO

Este artigo está alinhado com o campo da Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS) e com o entendimento de que, na transição Modernidade/Atualidade, as teorias não conseguem dar conta de explicar com precisão as experiências produzidas em um mundo que não é predefinido e que não permite soluções singulares. Explora as possibilidades da Teoria Ator-Rede (TAR) e da Cartografia de Controvérsias no entendimento de qualidade do lugar e suas relações com as práticas da Avaliação Pós-Ocupação (APO) relacionadas com a habitação. O argumento se desenvolve em torno de duas noções-chave: coletivo e tradução. Para apreender a rede sociotécnica tal como ela se faz, exploramos a cartografia de controvérsias: seguir os atores e deixá-los falar, mapear a dinâmica dos processos e as controvérsias que emergem de suas traduções recíprocas de modo a mesclar os processos de construção do conhecimento com os movimentos que constituem a própria rede sociotécnica, acentuando seu caráter contingencial. Neste artigo, traduzimos *lugar* como um conjunto de relações entre atores humanos e não-humanos. Ao explorar uma objetividade diferenciada, os fatos/artefatos passam a ser considerados como produto de um jogo de múltiplas traduções ou versões controversas.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede, Controvérsias, Coletivo, Avaliação Pós-Ocupação

ABSTRACT

This paper is Aligned with the field of Science Technology and Society (CTS) and understanding that, in the transition Modernity/Actuality, theories cannot accurately explain the experiences produced in a world that is not predefined and that does not allow for singular solutions. Explores the possibilities of Actor-Network Theory (ANT) in understanding quality of place and their relationships with the Post-Occupancy Evaluation (POE) practices. The argument explores two key notions: *collective* and *translation*. To apprehend the net as it makes, explores the cartography of controversies: follow the actors and let them talk, mapping the dynamics of the processes and the reciprocal controversies that emerge from their reciprocal translations in order to merge the processes of construction of knowledge with the movements that constitute the network itself, accentuating its contingent character. In this article we translate *place* as a set of relationships between human and non-human actors. Exploring a differential objectivity, facts/artefacts are to be considered as the product of a set of multiple translations or controversial versions.

Keywords: Actor-Network Theory, Controversies, Collective, Post-occupancy Evaluation

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho enuncia e compartilha algumas questões trabalhadas pelos pesquisadores do ProLUGAR¹ relacionadas com as dinâmicas cotidianas da

¹ Grupo de Pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem vinculado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

atuação do observador-pesquisador na avaliação da habitação. A partir de um alinhamento com a Teoria Ator-Rede (TAR) e com a Cartografia de Controvérsias, procura potencializar o campo da Avaliação Pós-Ocupação (APO), desmontando a oposição entre teoria e prática, além de complexificar a noção de “objeto” em sua capacidade de agir. A partir do entendimento da observação como um processo dinâmico de mediação com os lugares ou ambientes, focaliza os efeitos que as conexões entre os diferentes atores-rede – dentre eles, o observador e o ambiente construído – produzem durante o processo de observação.

A TAR se funda na premissa de que a sociedade não pode ser explicada apenas por suas influências, contradições, interesses e tensões internas a partir do ponto de vista dos humanos e das relações que entretêm entre si. Como alternativa, entende o social como um efeito de agenciamentos que são eminentemente heterogêneos, pois envolvem humanos e não-humanos (LATOURETTE, 2012; LAW, 1992). Em lugar de meros instrumentos a serviço da sociedade ou como suporte de algo que lhes é externo, a TAR concebe os objetos técnicos que permeiam nosso cotidiano como agentes capazes de engendrar transformações que ultrapassam o âmbito técnico-instrumental. Eles participam da configuração de processos sociotécnicos, em lugar de socioculturais.

Assim como os humanos, os “objetos” – ou não-humanos – são reconhecidos simultaneamente como atores capazes de agir no coletivo, de fazer alianças e de arregimentar outros atores cuja formatação “mutante” configura uma rede cujos movimentos redefinem e transformam seus componentes (PEDRO, 2010). Ambos se configuram como atores-rede com hífen.

Ao propor o observador-pesquisador como um ator-rede buscamos explorar os sentidos da sua experiência como um ator-rede atuante nos ambientes que se propõe a observar, descrever e avaliar. Buscamos reconhecer essa interferência como mais um agente ou ator-rede a ser incluído em nossas APOs.

Buscamos, assim, enunciar e compartilhar algumas questões relacionadas com os sentidos e desdobramentos sobre a *atuação* do observador-pesquisador em pesquisas avaliativas com vistas a mapear as dinâmicas cotidianas dos ambientes construídos, aqui entendidos como *coletivos* ou conjuntos de relações reunindo atores humanos e não-humanos cuja qualidade se configura como uma *relação* em construção, em lugar de algo que é concebido pela mente ou pelo conhecimento humano, ou de um conjunto de atributos dos seus elementos físicos.

2 SOBRE A ATUAÇÃO DO OBSERVADOR NA APO

Entendemos a APO como um processo de avaliação do ambiente construído que utiliza vários métodos provenientes de diferentes áreas do conhecimento² (BECHTEL, 1997). Surgiu da necessidade de reunir os

² Tais como psicologia ambiental, antropologia cultural, geografia humana, desempenho e gestão, programação arquitetônica e projeto de arquitetura-urbanismo (expressão proposta por Lineu

conhecimentos até então produzidos nas diferentes disciplinas sobre as relações entre as pessoas e os ambientes a partir do entendimento de que "os projetistas estão dando forma às pessoas, bem como aos edifícios" (SOMMER, 1973, p. IX).

Por sua natureza interdisciplinar e aplicada, a APO tende a ser vista como eivada de subjetividade ou empirismo e sofre restrições por parte das áreas duras das ciências. Segundo Bechtel (1997) estes preconceitos tendem a desaparecer na medida em que se constrói a teoria e consolida um corpo renovado de fundamentos incorporando as recentes descobertas nos campos das ciências cognitivas e das tecnologias da vida.

Passados dezesseis anos persiste a desconfiança sobre como a ciência deve lidar com a subjetividade, especialmente em um contexto cultural dominado por peritos. Acreditamos que esta desconfiança seja uma decorrência do entendimento ocidental de valor instrumental que justifica o uso de padrões externos de produtividade e dificulta "aceitar a natureza do ato em si como base para a avaliação" (SOMMER, 1979, p. 150). Para contornar essa dificuldade torna-se necessário desmontar a oposição entre teoria e prática a partir de abordagens que privilegiam a construção local de conhecimentos e saberes.

Neste sentido questionamos a predominância do uso dos questionários – nos quais as questões são, em geral, elaboradas anteriormente ao trabalho de campo, em lugar de resultantes de uma negociação envolvendo observadores-pesquisadores e usuários – e de *check-lists* – que indicam a priori os aspectos a observar – como instrumentos de investigação na APO. Esta predominância é indicativa das limitações nos diálogos com os ocupantes. Os observadores-pesquisadores praticamente definem o que querem que os ocupantes, convertidos em meros informantes, falem. Exceto nos questionários com perguntas abertas, os usuários pouco se manifestam sobre o que sabem, sentem e reconhecem como qualidade de um determinado ambiente. Eles também não esclarecem as relações existentes entre o valor dessa qualidade e as suas escolhas ou preferências, que podem não ter sido contempladas no conjunto de questões previamente elaborado. Entronizados como juízes (LATOURE, 2012), os pesquisadores tendem a desconsiderar que as pessoas em geral não sentem a necessidade de provar porque determinados ambientes são bons ou ruins, uma vez que a qualidade não é independente do contexto em que determinado ambiente construído é vivenciado. Ela está na própria natureza do ato em si (SOMMER, 1979, p. 156):

Deveria ser suficiente demonstrar que as pessoas se divertem num parque, sentem uma espécie de comunhão com as coisas vivas e o ar livre, e têm oportunidade para conviver e se descontraírem longe da fumaça e das multidões. Não é preciso demonstrar que isto se relaciona com alguma outra coisa.

Castello (2005: 38) para dar conta das dimensões topológicas de lugar, "que abrangem desde um banco até um edifício ou um bairro ou uma região" e associa conhecimentos inseparáveis: arquitetura e urbanismo).

A literatura disponível também contribui para aumentar a lacuna existente entre conhecimento teórico e trabalho empírico: pouca reflexão sobre o entendimento de qualidade do ambiente e da atuação do observador-pesquisador tem sido publicada. Entre os autores que se ocupam do observador, destacamos Robert Sommer (1979) - que apresenta boas pistas a serem seguidas durante a observação; Robert e Barbara Sommer (1997) e Robert Hershberger (1999) descrevem as diversas formas e procedimentos de observação, mas não tratam da observação em si nem da atuação do observador-pesquisador; Henry Sanoff (1977, 1991) apresenta um conjunto de ferramentas de análise visual e de participação dos usuários. Mas de um modo geral, são trabalhos prescritivos que focalizam os instrumentos e procedimentos de coleta e de análise dos dados, sem atentar para suas relações com as descobertas e resultados. Para traduzir a opinião dos usuários, os procedimentos mais utilizados são o questionário e a entrevista estruturada ou semiestruturada. Alguns estudos utilizam o poema dos desejos ou as preferências visuais (SANOFF 1991; ABRANTES 2004; RODRIGUES 2005; RHEINGANTZ et al 2009). As observações diretas, por sua vez, se concentram nos fatores técnicos e funcionais e utilizam *check-lists* previamente elaborados. Nos relatos das análises *walkthrough* - instrumento de observação direta muito utilizado - e no mapeamento dos vestígios ambientais predomina a linguagem impessoal característica de uma concepção da ciência que busca garantir objetividade e neutralidade. Numericamente reduzidas, as observações de cunho etnográfico, ou que exploram a autobiografia ambiental, a topofilia, a perspectiva *freireana* do contexto e a abordagem experiencial, incorporam a subjetividade, a linguagem pessoal e escapam da neutralidade.

Outras questões que não têm recebido a devida atenção na literatura disponível são: a influência da escolha do tipo de instrumento nos resultados; as "diferenças chocantes que podem ser obtidas quando se utilizam questões abertas ou fechadas, múltipla escolha ou até mesmo em função da ordenação das questões" (KRUSE, 2005, p. 2001). Este "acomodamento teórico-metodológico" pode ser resultado da crença moderna em uma universalidade que dispensa maiores considerações sobre seus fundamentos, procedimentos ou sobre as descobertas que se produzem. O mesmo acontece com os interesses e valores envolvidos - pessoais ou institucionais - bem como com a experiência profissional dos observadores-pesquisadores, sua visão de mundo ou ainda com o contexto de seu fazer (WIESSENFELD, 2005).

Outra questão controversa diz respeito ao o que deve ser avaliado. Bechtel (1997) indica a existência de dois grupos: enquanto para o primeiro grupo é o projeto que deve ser avaliado, para o segundo isto é irrelevante, uma vez que ao longo do tempo ele se transforma e se adapta às necessidades dos usuários. Existe, ainda, uma posição intermediária, que se dedica a avaliar as relações entre o projeto e as "vontades" de seus ocupantes (BECHTEL, 1997). Desconhecemos a existência de trabalhos que se ocupem das conexões que se produzem entre as pessoas e os ambientes e os diversos elementos de

sua materialidade.

Se relacionarmos essa controvérsia com a *atuação* do observador-pesquisador na avaliação pós-ocupação, por exemplo, surgem outras questões ou dificuldades que não têm sido devidamente consideradas: *o que, como, para que e para quem observar?* Proliferam estudos sobre as técnicas construtivas, a qualidade e a gestão do projeto ou do ambiente construído, ou ainda com a avaliação do comportamento dos usuários. Poucos relacionam os resultados com a origem dos estudos, com os valores envolvidos ou com os interesses que buscam atender. Mas na APO, esses interesses podem ser significativamente diferentes, ou ainda contraditórios, uma vez que o contratante tanto pode ser uma empresa de construção, um agente financeiro, um órgão público ou um cliente particular. Mas na medida em que a "realidade" deixa de ser considerada independente – ou um ambiente exterior a ser observado por uma mente interior (LATOUR, 2000) – a tendência em naturalizar ou generalizar nossos "objetos" de estudo, seus fundamentos, instrumentos e resultados começa a evidenciar suas limitações. Argumentamos por uma realidade entendida como uma construção, um efeito resultante da atuação do observador-pesquisador no ambiente, como um campo de tensões heterogêneas no qual a percepção do observador-pesquisador não necessariamente corresponde à sua síntese. A "realidade" do observador-pesquisador é *uma* dentre diversas narrativas não lineares que, ao serem entrelaçadas, configuram *uma* aproximação relativamente mais fiel da dinâmica complexa daquele *coletivo* ou rede *sociotécnica*.

Um observador-pesquisador de APO deve saber dialogar com as peculiaridades e idiosincrasias da vida cotidiana nos *coletivos* onde *atua*, que não se resumem nem cabem em um conjunto pré-determinado de atributos, em sua maioria técnicos e insuficientes para dar conta da amplitude de um problema de natureza complexa e controversa. Deve ter em mente que o motor da descoberta não está nem na sua cabeça, nem em critérios pré-estabelecidos, mas está distribuído num *coletivo* (MACHADO, 2006).

Nesta perspectiva, pensar a atuação do observador-pesquisador na APO implica em considerar os efeitos produzidos pelos diferentes agenciamentos implicados. A associação do observador humano com os dispositivos materiais converte o observador em um híbrido sociotécnico que transforma e potencializa sua capacidade de observação.

3 TEORIA ATOR-REDE, CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS E APO

Entendemos que essas questões que vimos apontando, e que têm, de certo modo, limitado o campo da APO, estão relacionadas com a tradição da ciência moderna – que opera por uma lógica dicotômica que opõe natureza e sociedade, sujeito e objeto, teoria e prática, humanos e não-humanos – e que termina por forjar a dicotomia pessoa-ambiente. Para fazer face a este quadro, propomos voltar nosso foco para algumas formulações teórico-metodológicas que têm emergido na Atualidade, que

ênfatisam as conexões entre humanos e não-humanos e que nos têm sido úteis para uma compreensão alternativa do que pode um observador-pesquisador. Referimo-nos, especificamente, às contribuições oferecidas pela Teoria Ator-Rede (TAR), uma teoria cujo lema é “siga os atores e preste atenção ao modo como eles próprios respondem a essas questões.” (LATOOUR, 2012, p. 13)

Primeiramente, gostaríamos de enfatizar que, do ponto de vista da TAR, esse observador é um *ator-rede*, ou seja, ele age no coletivo – e, portanto, produz aí um efeito –, sendo ele próprio um efeito de rede sociotécnica, uma vez que muitas outras entidades – humanas e não humanas – participam dessa ação. A ação aqui adquire uma conotação bastante singular, que não reflete diretamente a intencionalidade de um ator social. Interessa-nos enfatizar que a ação é sempre coletiva, sem com isso desqualificar a relevância de cada um dos atores. Interessa-nos menos a “intencionalidade pura” do sujeito do que os efeitos que os agenciamentos de diferentes atores-rede (humanos e não-humanos) podem produzir no processo de observação de urbanidade e da qualidade dos lugares da habitação. Nosso foco volta-se, portanto, para as conexões que produzem as redes sociotécnicas ou *coletivos*.

Para dar conta da complexidade requerida para pensar os coletivos em sua dinâmica de produção, propomos que os observadores-pesquisadores em pesquisas avaliativas sobre habitação utilizem a Cartografia de Controvérsias (LATOOUR, 2012) – um método que guarda grande afinidade com aspectos que parecem singularizar as redes sociotécnicas, tais como complexidade, fluidez, heterogeneidade. Um conceito-chave para este método é a noção de tradução ou mediação, que designa a apropriação singular que cada ator faz da rede e na rede. A multiplicidade das traduções pode encontrar nas controvérsias uma oportunidade de expressão que o método da cartografia permitiria delinear.

Cartografar as controvérsias parece-nos uma tarefa decisiva para nos aproximarmos do que Bruno Latour propõe como principal diretriz metodológica para o estudo prático das redes ou coletivos: “seguir os atores em ação” (LATOOUR, 2000), o que possibilita apreender a rede “tal como ela se faz”:

Como toda tradução implica um deslocamento, um desvio de rota, uma mediação ou invenção de uma relação antes inexistente, cada movimento modifica também a rede. A cartografia dessas controvérsias permitirá desenhar um relevo a partir dos movimentos com aqueles do próprio pesquisador. (LATOOUR, 2012, p. 28)

A Cartografia de Controvérsias não se configura como um método menos objetivo ou menos “racional” – portanto, mais “subjetivista”. O próprio Latour argumenta que a análise de controvérsias pode se configurar em um “ganho de racionalidade”, na medida em que qualquer fenômeno deixa de ser tomado como indiscutível e passa a ser considerado como o produto de um jogo de traduções, versões controversas. E, ainda, que estaríamos chegando a uma objetividade diferenciada, obtida a partir das múltiplas

versões/traduições produzidas:

Se a verdade científica não se impõe mais, não é porque as pessoas se tornaram irracionais, mas porque elas se encontram, a partir de agora, em situação de co-pesquisadores (LATOURE, 2012, p.2, grifo nosso).

Associada à dinâmica das controvérsias, a Cartografia possibilita evidenciar o quanto os processos de construção do conhecimento se mesclam com os movimentos que constituem a própria rede, acentuando seu caráter contingencial (PEDRO, 2010). Diferentemente da representação estática própria dos mapas, o desenho da Cartografia se faz simultaneamente aos movimentos de transformação da paisagem. Ela acompanha e se produz ao mesmo tempo em que mundos se desmancham e outros se constituem (ROLNIK, 2007).

Cartografar os processos através dos quais os pesquisadores/observadores constroem suas avaliações a partir das controvérsias permite delinear os diferentes modos de entrelaçamento de humanos e não-humanos, dos atores sociais e os artefatos. Os resultados destas misturas, que buscam reequilibrar a simetria da associação entre objeto e sujeito, possibilitam o resgate da dimensão sociotécnica do projeto de arquitetura – ainda hoje obliterado pelas certezas e ideais modernos e pelas fragmentações e descontinuidades pós-modernas – e podem ser indicativos da contribuição deste estudo para o campo da Arquitetura-Urbanismo.

4 UM EXERCÍCIO DE CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS NA APO

Propomos aqui, a título de ilustração, um breve exercício de mapeamento de controvérsias acerca de como os próprios pesquisadores que têm atuado direta ou transversalmente no campo da APO e da avaliação de desempenho significam sua atuação. Alguns desses pesquisadores (num total de cinquenta) foram convidados a apresentar, de forma sucinta, sua tradução desta atuação. As conexões entre as traduções produzidas possibilitam algumas reflexões interessantes acerca da riqueza e da heterogeneidade do campo. Dos cinquenta pesquisadores consultados, quinze retornaram. Duas respostas foram descartadas por não contemplarem o tema proposto.

É possível identificar, dentre os relatos, uma “adesão” aos métodos mais tradicionais, em geral no sentido de garantir maior objetividade e neutralidade:

Em geral, usamos três métodos: observação do comportamento do usuário durante a realização de atividades; passeios acompanhados com pessoas deficientes; e planilhas (com um check-list) desenvolvidas num trabalho conjunto com o Ministério Público Estadual. (Respondente 1)

Em nossas pesquisas o papel do pesquisador tem, fundamentalmente, se restringido a analisar e interpretar os dados coletados (p.ex. através de questionários), incluindo aqueles obtidos através de observações sistemáticas realizadas (p.ex. mapas comportamentais) (Respondente 2)

(...) o pesquisador/observador deve ser cauteloso para distinguir a avaliação técnica, pautada em parâmetros objetivos, da avaliação pelos usuários. (Respondente 4)

Um relato interessante é o do pesquisador que “descarta” métodos considerados tradicionais justamente por possibilitarem a interferência da experiência subjetiva:

Acho mesmo que na APO o papel do observador é muito grande, porque está vendo a prática funcionar ou não. Acho até melhor que questionário, porque este pode trazer insights subjetivos, enquanto a observação é aquilo. (Respondente 6)

Outros, no entanto, questionam a possibilidade de o pesquisador se pautar por alguma neutralidade:

Entendo que como pesquisadores-observadores devemos nos ater muito menos aos parâmetros técnicos, construtivos e especificados pelas normas e manuais. (Respondente 12)

Quando o pesquisador-observador não tem um papel interveniente, ficando apenas como observador não participante, os resultados obtidos tendem a ser muito redutores. (Respondente 9)

O instrumento do programa gerado a partir de uma solicitação de projeto para requalificação das áreas de trabalho ocupadas se revela insuficiente, pois não há mais espaço para anotação da demanda do que para o amadurecimento da reflexão com consulta a outros documentos de projetos em situações institucionais semelhantes, e muito menos da compreensão dos processos de trabalho ou atividades em seus detalhes, participação de outros grupos. (Respondente 11)

A modalidade de avaliação e os seus resultados não resultam neutros, mesmo que sigam determinadas normas, métodos e técnicas. As decisões do pesquisador-observador e sua equipe a respeito de enfoque, amplitude, período, objetos e sujeitos da investigação são tomadas a partir de múltiplos condicionantes. Portanto, a observação objetiva será sempre perpassada pela subjetividade do pesquisador. (Respondente 8)

O levar em conta a subjetividade surge, assim, como o contraponto que possibilita explorar outras metodologias:

Uso apenas a observação (de cunho etnográfico). ... Com a observação de cunho etnográfico torna-se possível a compreensão não apenas das relações que os usuários estabelecem com os ambientes mas, também, o impacto do Lugar na experiência subjetiva do próprio pesquisador (Respondente 3)

(...) durante todo o processo avaliativo o pesquisador precisa estar atento à sua própria dinâmica interna, enquanto mais uma pessoa envolvida com a situação. (Respondente 7)

Outro aspecto que favorece metodologias alternativas é a instrumentalização da sensibilidade e da experiência:

Ao descrever a experiência do habitar na cidade, o arquiteto-pesquisador não consegue deixar de lado sua sensibilidade para a observação do lugar construído (...). A descrição resultante da observação participante, (...) será mais completa, varrendo todos os

prismas da ambiência e trazendo à luz os fatos relevantes para a compreensão do universo cultural que se refaz no lugar estudado (Respondente 3)

Penso que talvez a melhor palavra para designar esse trabalho, sei que vocês usam observação participativa e outros sinônimos, acho que a premissa de observar deveria vir depois do sentir, do (deep) 'feeling', do sentir-se um membro da comunidade. Do sentimento. (Respondente 10)

Eu tendo a priorizar a análise à avaliação. A avaliação tende a resultar em números, graus, o que pressupõe alguma medição. A análise pode ser mais rica e livre, mais sensível à realidade. A meu ver, o observador-pesquisador deve se impregnar de sensibilidade e se abrir para o outro para que possa apreender realidades que não a sua. (Respondente 13)

O interessante é que a sensibilidade desempenha um papel controverso em termos dos efeitos que pode gerar nas avaliações:

Na verdade, não consigo acreditar nas avaliações onde existe uma relação direta pesquisador-entrevistado... Isso porque sempre que ocorre uma avaliação desse tipo, existem questões de foro íntimo, relacionadas com o afeto e identidade que o entrevistado tem (ou não) com o local avaliado, que sempre interferem na resposta. Isso sem mencionar a empatia do pesquisador com o entrevistado. (Respondente 5)

Nessas situações, vale ressaltar que a "garantia" de que a avaliação será mais "isenta" é a ausência do pesquisador:

Em minha opinião, as avaliações mais fidedignas são aquelas em que o entrevistado pode se expressar livremente, sem ter que interagir com o pesquisador. (Respondente 5)

Ou, ainda, esta garantia é atribuída à presença dos não-humanos:

Melhor ainda são as avaliações que o pesquisador levanta e analisa os vestígios físicos deixados pelos usuários. Esses vestígios físicos constituem o testemunho do uso real dado ao espaço e das dificuldades encontradas pelos usuários e, a meu ver, valem mais que qualquer entrevista. (Respondente 5)

Devemos sim observar o que determinado ambiente nos passa e quais características são determinantes nas ações dos usuários. Assim, aspectos como cheiros, sons, luz e disposição do mobiliário passam a ser também elementos importantes (Respondente 12)

Se vc conta com câmaras de vídeo colocadas em certos pontos, eles marcam e depois vc interpreta o vídeo; e este é feito em vários períodos seja do dia, estações do ano, etc.. (Respondente 6)

Mas talvez o ponto mais nodal dos relatos seja a referência ao pesquisador que se reconhece como um ator, que interfere naquilo que descreve:

(...) ao descrever densamente o visível, com base em suas próprias bases subjetivas, o pesquisador vai reconhecendo as lógicas do contexto estudado e estabelecendo um diálogo cultural com as estruturas espaciais que cercam o objeto de análise. (Respondente 3)

(...) sempre que ocorre uma avaliação desse tipo, existem questões

de foro íntimo, relacionadas com o afeto e identidade que o entrevistado tem (ou não) com o local avaliado, que sempre interferem na resposta. Isso sem mencionar a empatia do pesquisador com o entrevistado. (Respondente 5)

O pesquisador, certamente, é fundamental para a realização do trabalho avaliativo, e assume papel ativo nessa pesquisa. ... deve estar atento ao modo como se posiciona no processo, sobretudo entendendo-se a APO como uma atividade multimetodológica. (Respondente 7)

Quando a pesquisa surge a partir de uma demanda concreta (social ou institucional), provavelmente é relativamente mais simples reconhecer papéis, e que o pesquisador entenda sua posição como apenas mais um "ator". Na realidade acadêmica, no entanto, esse "posicionamento" fica mais difícil, pois, como a pesquisa surge a partir do interesse do pesquisador e ele está emocionalmente mais envolvido, os papéis ficam menos distintos. (Respondente 7)

O pesquisador-observador deve assumir um papel de "facilitador", o que implica: 1) partir de conjecturas/hipóteses abertas e aceitar situações não convencionais; 2) explorar formas de comunicação com os inquiridos que permitam estimular o seu envolvimento no processo da APO e os levem a ser criativos nas suas respostas. (Respondente 9)

Entendo que o papel do arquiteto é um pouco aquele do educador proposto por Paulo Freire, de um contexto, 'contextual', ou seja: estar metido dentro da comunidade e do problema, e de tanto estar ali olhando, escutando, principalmente escutando, e tb atuando ele se torna o próprio contexto. (Respondente 10)

Diante deste mosaico de relatos conectados, por vezes díspares, por vezes consonantes, a conclusão de um dos nossos entrevistados pode ser inspiradora:

Os métodos da cartografia - "discípulos de Deleuze" - também propõem algo muito importante, que é reconhecer que não se conhece o que se quer pesquisar. Consequentemente, não há como ter um método ou metodologia, antes de se realizar o trabalho. O método se faz no transcorrer da pesquisa, "no caminhar". (Respondente 12)

As controvérsias cartografadas – produzidas a partir da experiência de colegas de reconhecida competência – deixam evidente a heterogeneidade e complexidade do ofício do observador-pesquisador em APO. Devemos ser "distanciados" ou "nos deixar contaminar"? Devemos seguir um roteiro prévio de itens a serem observados ou seguir o que acontece durante a experiência? Como conciliar nosso saber técnico com o senso comum que se produz a partir da experiência, dos valores e desejos dos moradores? Como lidar com as eventuais discrepâncias e variabilidades que são produzidas durante o contato com os ambientes construídos em uso e seus habitantes e com sua influência nos resultados de nossa observação? A Cartografia de Controvérsias como método não nos autoriza a avançar as respostas no lugar nos pesquisados. Nosso entendimento se constrói com eles, que se tornam coautores da pesquisa.

5 CONCLUSÕES

Ao propor uma conexão com as diretrizes teórico-metodológicas da Teoria Ator-Rede e da Cartografia de Controvérsias, buscamos potencializar o entendimento de qualidade da habitação, suas ressonâncias na APO e suas conexões com os processos de produção de subjetividades e sociabilidades; buscamos convidar e recrutar novos aliados na aventura de explorar o entendimento de APO e de qualidade da habitação como saberes híbridos e partilhados.

A proposição do ambiente construído como agente/ator-rede que participa da configuração de processos sociotécnicos que ultrapassam o âmbito técnico-instrumental – que não pode ser explicado apenas a partir da consideração dos humanos e das relações que entretêm entre si – produz efeitos que potencializam tanto o entendimento de observador-pesquisador quanto o ambiente construído. A TAR complexifica as noções de "observador-pesquisador" e "ambiente construído", entendendo-os como coletivos híbridos que simultaneamente atuam como atores capazes de fazer alianças e, também, como redes de formatação "mutante", capazes de, a partir de seus movimentos, redefinir e transformar seus componentes. Como coletivo ou rede sociotécnica, o observador-pesquisador e o ambiente construído configuram um sistema compreensivo e colaborativo em que ambos se produzem e são produzidos nas conexões que estabelecem entre si e com outras entidades. O observador-pesquisador é simultaneamente ator-rede e porta-voz dos outros atores-rede. Esta condição torna inevitável a interferência do observador-pesquisador no esforço de traduzir uma relação que transcende qualquer conjunto de atributos dos seus elementos físicos e sua apreciação é sempre local, situada e subjetiva.

Outros efeitos na atuação do observador-pesquisador a partir da TAR estão associados com a redução da assimetria na influência do observador-pesquisador no processo de avaliação e com a preocupação em objetivar e quantificar os resultados. Nas APOs, a assimetria se produz a partir da escolha das teorias, instrumentos e variáveis a serem observados. Ao assumir a condição de protagonista principal ou de "maestro regendo uma orquestra", o observador-pesquisador supervaloriza seu saber técnico, que se sobrepõe ao conhecimento e aos desejos dos ocupantes e demais implicados no processo, interferindo no processo e nos resultados de uma maneira bastante assimétrica. Sua tentativa de objetivar as relações ou fenômenos observados, dotando-as de "rigor científico", de um modo geral,

reduz o suposto diálogo experimental ao exercício de uma prepotência sobre a natureza. O rigor científico ... é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objectivar os fenómenos, os objectualiza e os degrada; que, ao caracterizar os fenómenos, os caricaturiza. É ... uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza. (SANTOS, 1995, p. 32)

Ao transformar as descobertas em dados numéricos, os observadores-pesquisadores, em lugar de fazer aflorar as descobertas, se apoiam na via reta da objetividade científica (CUKIERMAN, 2007) e de uma forjada dicotomia pessoa-ambiente para afirmar a "intencionalidade pura" de seu saber técnico e para avaliar a qualidade do ambiente construído a partir de suas convicções. Categorizam elementos e parâmetros de análise, tratam e interpretam dados e propõem recomendações que não necessariamente traduzem com propriedade e abrangência os efeitos produzidos pelos agenciamentos de diferentes atores-rede no coletivo ou rede sociotécnica a ser observada.

Ao caracterizar o conhecimento científico e tecnológico como uma construção em permanente transgressão a fronteiras arbitrárias entre o "técnico" e o "social" e ao colocar lado a lado diversas narrativas e controvérsias, a fazer falar os atores ou traduzir seus porta-vozes e a enfatizar as conexões entre as pessoas e o ambiente construído, a TAR e a Cartografia de Controvérsias transformam o observador-pesquisador em um mediador que deve ser capaz de contemplar, de fazer emergir, fazer falar, em lugar de afirmar a certeza de seu conhecimento.

Para marcar nosso entendimento da atuação do observador-pesquisador recorremos a Marshall McLuhan (2012): "Eu não explico – eu exploro!"

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o auxílio financeiro do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq por meio de uma bolsa de Produtividade em Pesquisa (Proc. 303365/2010-2), duas bolsas de Iniciação Científica; de recursos provenientes do Edital Universal 14/2009 (Proc. 4760033/2009-8) e do Edital 02/2009 (Proc. 401374/2009-5).

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Monique. **Um Olhar Cognitivo Sobre o Ambiente de Trabalho**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Dissertação [Mestrado em Arquitetura]

BECHTEL, Robert B. **Environment & Behavior – An Introduction**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.

CASTELLO, Lineu. **Repensando o Lugar no Projeto Urbano: Variações na Percepção de Lugar na Virada de Milênio (1985-2004)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura). CUKIERMAN, Henrique. **Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a História da Ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2007.

HERSHBERGER, Robert G. **Architectural Programming and Predesign Manager**. Nova Iorque: McGraw-HILL, 1999.

KRUSE, Lenelis. **Compreendendo o Ambiente em Psicologia Ambiental** (in TASSARA, 2005, p. 41-46).

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

_____. **Ciência em Ação**. São Paulo: UNESP, 2000.

LAW, John. **Notes on the Actor-Network Theory**: Ordering, Strategy and Heterogeneity. Paper published by the Center for Science Studies, Lancaster University, Lancaster La1 4yn. 1992. Disponível em <http://www.Lancs.Ac.Uk/Fass/Sociology/Papers/Law-Notes-On-Ant.Pdf>.

MACHADO, Carlos J. S. **A invenção científica segundo o modelo da sociologia dos cientistas e os Social Studies of Science**. In *Ciência e Cultura*, v.58, n.3. São Paulo Jul/set 2006. Disponível em < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000300002&script=sci_arttext > acesso em 05abr2012.

McLUHAN, Marshall. in **McLuhanists**. Disponível em <http://marshallmcluhan.com/mcluhanisms/> acesso em 20out2012.

PEDRO, Rosa M. L. R. Sobre redes e controvérsias. In FERREIRA, A.; FREIRE, L.; MORAES, M; ARENT, R. (Org.) **Teoria Ator-Rede e Psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010, p. 78-96.

RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, Giselle A. N.; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2009. Livro Eletrônico - Disponível em <www.fau.ufrj.br/prolugar> acesso em 06jun2012.

RODRIGUES, Helena da Silva. **Cognição e experiência no Ambiente de Trabalho**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Dissertação [Mestrado em Arquitetura].

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANOFF, Henry. **Methods of Architectural Programming**. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross Inc., 1977.

_____. **Visual research methods in design**. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold, 1991.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. (8 Ed.) Lisboa: Edições Afrontamento, 1995.

SOMMER, Barbara; SOMMER, Robert. **A Practical Guide to Behavioral Research – tools and techniques**. (4Ed.) Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

SOMMER, Robert. **A Conscientização do Design**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. **Espaço Pessoal**. São Paulo: E.P.U.; Editora da USP, 1973.

WIESENFELD, Esther. **A Psicologia Ambiental e as diversas realidades humanas**. (in TASSARA, 2005, p. 53-69).